

Horizontes em fuga

**Em busca da felicidade,
do amor, do casamento ... pela família!**



Horizontes em fuga

Em busca da felicidade,
do amor, do casamento... pela família!

JOSINA COSTA VIEGAS

Horizontes em fuga

Em busca da felicidade,
do amor, do casamento... pela família!



Rio de Janeiro
2020



A AUTORA responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo desta OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente de violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA, que declara sob as penas da Lei ser de sua única e exclusiva autoria.

Horizontes em fuga: em busca da felicidade,
do amor, do casamento... pela família!
Copyright © 2020, Josina Costa Viegas
Todos os direitos são reservados no Brasil

Impressão e Acabamento:

Pod Editora
Rua Imperatriz Leopoldina, 8/1110 — Pça Tiradentes
Centro — 20060-030 — Rio de Janeiro
Tel. 21 2236-0844 • atendimento@podeditora.com.br
www.podeditora.com.br

Projeto gráfico:

Pod Editora

Revisão:

Pod Editora

Capa:

Giovanna Oaken

Foto de Capa:

www.123rf.com

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, etc. — nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização da autora.

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

V712h

Viegas, Josina Abreu Assis da Costa
Horizontes em fuga / Josina Abreu Assis da Costa Viegas. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Pod,
2020.

152 p. ; 21 cm.

Inclui índice

ISBN 978-65-86147-18-6

1. Ficção moçambicana. I. Título.

20-64120

CDD: 869.899679

CDU: 82-3(679)

30/04/2020

Leandra Felix da Cruz - Bibliotecária - CRB-7/6135

AO MEU
MOÇAMBIQUE,
Com amor, compreensão e apreço.

Josina Costa Viegas

Índice

Delírios de amor	9
Capítulo 1. A maquinação	11
Capítulo 2. A grande festa	15
Capítulo 3. Assentimento	19
Capítulo 4. Sorrisos e desilusões	29
Capítulo 5. Pontos nos is	41
Capítulo 6. Maravilhosos momentos	47
Capítulo 7. Enlaces matrimoniais	57
Capítulo 8. Ontem e hoje	61
Horizontes em fuga	69
Capítulo 1. Enquadramento.....	71
Capítulo 2. O preço da refeição.....	77
Capítulo 3. Desumanidade ou regra?	87
Capítulo 4. Descoberta e desafios.....	97
Capítulo 5. Sonhos engolidos.....	107
Capítulo 6. Noite sem luz	117
Capítulo 7. Aurora e incetezas	127
Capítulo 8. Mentes divididas.....	131
Capítulo 9. Jogadas	137
Capítulo 10. A colheita.....	147

Delírios de amor

“Venerado seja entre todos o matrimónio e o leito sem mácula; porém aos que se dão à prostituição e aos adúlteros Deus os julgará.”

Hebreus 13.4

Felicidade não se adquire por esperteza, mas constrói-se ao se assimilarem os padrões estabelecidos e os parâmetros exigidos, para a buscar, estabelecer e para a preservar.

Josina Costa Viegas

Capítulo 1. A maquinação

O tronco de muitos deles ficava desnudado. Os seus olhos esbranquiçados contrastavam com o restante do corpo. Nas nádegas, cobria-lhes um calção acastanhado. Alguns traziam “Mugondas” (peça de roupa tradicional que substituía o calção e cobria as partes íntimas) encardidíssimas.

Uns viviam em casas de “sengue” (caniço), outros de pau-pique e “mataca” chapiscada (areia chapiscada), poucos em casas bem rebocadas de areia e raríssimos em casas de alvenaria.

Na aldeia de Gonhane, existiam negros, mestiços, cafuzos, indianos e brancos. Os primeiros e os últimos, em percentagem, estavam em oposição. A maioria era composta pelos naturais da terra.

Uma gota branca, num negro oceano, gerou filhos e filhas ilegítimos. Joaquina era uma delas. Menina mestiça que, com olhos de ver, nunca vislumbrou o verdadeiro pai, mas num universo de irmãos negros, sempre chamou “papá” a Bernardo, que era o esposo definitivo de sua mãe.

Joaquina, os irmãos e os vizinhos pouco falavam a língua oficial. Autoafirmavam-se com a língua nativa, brincavam, cantavam, dançavam, usando a mesma.

À escola, nem sequer se ia. De um explicador nem se via a necessidade e a idade não perdoa o atraso, intransigentemente.

A menina ia crescendo. Licenciara-se em pilão, cozinha tradicional e ética local.

No seu tronco, começaram a aflorar-se duas “cocunhas” (fruto da palmeira, quando ainda é pequenino), que se avolumavam até que formaram copras. Neste interim, um homem da Companhia da Madal quis provar o sabor daqueles frutos. Pensou, repensou e concluiu que o primeiro passo a dar era conquistar a amizade do quarentão Bernardo. Seguiu os seus passos favoritos e oferecia-lhe sura e, às vezes, vinho tinto, simplesmente como um rapaz simpático. Quando notou que Bernardo se estava a armadilhar, começou a oferecer-lhe trajas e capulanas, para possuir Joaquina.

Bernardo nas suas andanças, cogitava bastante sobre a sorte monetária de Rufino e achava que se o tivesse por genro obteria, com isso, inúmeros benefícios. Depois de estar bêbado com esta ideia, num dia, no leito, vomitou-a à mulher. Esta agarrou-a e sentiu-se enjoada.

— Mas você acha, mesmo, que Joaquina já deve casar?
— era a voz de Ricardina, sua mulher.

— Então, o branco, pai dela, violou você com quantos anos?

O silêncio entrou no casebre e os discordantes adormeceram, longamente.

No dia seguinte, enquanto bebiam vinho tinto, o cavaleiro fingiu querer saber a composição familiar da casa de Bernardo.

— A sua mulher está boa?

— Com certeza, “muzungo” (branco, senhor).

“Muzungo” não era ..., mas com o que tinha, ficava parecido ao branco.

— Quantos filhos tens?

— Treze, mas a que completa este número não é minha.

— Qual delas?

— A mais velha; chama-se Joaquina.

— Já deve ser uma mulherzinha.

— Mulherzinha ... ? Mulher ..., mulher.

— Já tem homem?

— Por que ... ? Está..., está interessado?

— Se você me oferece, eu não vou negar!

— Fala bem, Sr. Rufino...

— Se você me deixasse conhecê-la... — falava o pretendente, como se nunca a tivesse visto.

— Aparece em casa, amanhã à tarde..., ela há-de estar lá.

— Está bem! Bernardo, até amanhã.

Rufino deixou a loja do Mussa, onde brindavam e sentia-se premiado pela astúcia utilizada, para adquirir o êxito quase alcançado.

Em sua casa de alvenaria da companhia, ensaiava todas as maneiras possíveis de se fazer atraente para com Joaquina.

Capítulo 2. A grande festa

O novo dia não teve manhã, só teve tarde e, sentado numa cadeira de descanso da casa de Bernardo, instalava-se o hóspede.

A voz do chefe de família se ouviu.

— Joaquina...!

— Papá...?

— Manda matar duas galinhas, preparar com a mamã e trazer... Então, não servem nada à visita?

Para surpresa de Rufino, o prato não demorou muito tempo a chegar. Afinal, as mulheres tinham-no preparado de manhã, já que Bernardo não se cansara de dizer, no dia anterior, que receberiam uma visita de qualidade.

Os dois homens petiscavam e, de vez em quando, o pai chamava a menina, de propósito, sem necessidade e o rapaz galanteava-lhe.

— Que beleza..., este prato está uma maravilha!

Cabisbaixa e contente, Joaquina saía.

— Sr. Bernardo, gostei da sua filha!

— Vê como já está feita?

— Acho que por outra, não me deixarei seduzir.

— Aproveita...

— Gostaria de conversar, de vez, com a mãe.

— Vou chamá-la..., um momento.

Feliz, mas muito sério, dirigiu-se à mulher e induziu-lhe a vir à sala.

Uma esteira, lá, se estendeu e Ricardina, depois de apertar a mão ao sujeito, sentou-se.

— Como está, mamã?

— Bem.

O silêncio visitou o compartimento que albergava os três personagens. Como que a rompê-lo, ouviu-se:

— Este homem é bom rapaz ... Quer nossa filha para ele. O que achas, mulher?

A resposta não se fez ouvir, pois a senhora sentia um pesar.

— Bernardo, responde-la você.

— Responder?

— Sim, você é que sabe...

— Está bem... Rufino está bem. Você pode casar aqui.

Após o diálogo, todos se despediram. Bernardo acompanhou Rufino e, ao regresso, informaram à menina acerca do ocorrido. A filha do branco indeterminado casar-se-ia com um Patrício da mãe, que era poderoso monetariamente.

Joaquina contava, na véspera, com dezasseis anos e submissa estava ao querer dos seus pais.

Rufino passou a frequentar a casa e a dizer palavras lindas à sua futura esposa. Avisou ao padre do Posto Administrativo acerca do evento e marcou uma data seis meses depois. Começou a juntar os géneros alimentícios e as coi-

sas começaram a ficar prontadas. Os padrinhos foram escolhidos, entre os casados da Companhia. Arrumou-se o recinto no quintal da noiva e foi vedado de macubarre verde (folhas verdes de palmeira).

As mulheres, apressadamente, se reuniram. Os manjares começaram a ser confeccionados e os cabritos gritavam mé, mé..., os porcos grunhiam com força e os bois mugiam chorosamente; as galinhas não se cansavam de dizer cocoró..., cocoró e os patos não se deixaram ouvir...

Quem passava, na zona, não conseguia ter o nariz em si e os temperos chamavam a atenção dos transeuntes.

O dia chegou ...! O Sr. Rufino e a menina estavam lindamente trajados. O Padre e o Sacristão pararam à porta e na salinha, deu-se início à cerimónia.

Uma hora depois, Rufino e Joaquina haviam-se consorciado matrimonialmente.

As palmas choviam em todo o tecto e a festa começou. A quem não provocou diarreia? Só ao padre e aos noivos, que comiam com etiqueta.

A tarde ia morrer! As velhas da região levaram a moça à casa do rapaz, deram-lhe as últimas instruções matrimoniais e afastaram-se.

O rapaz chegou, entrou no seu quarto e galanteou a noiva pela finura de comportamento do dia e pela beleza da véspera. A conversa foi longa e Joaquina não deixou de estar acanhada.

Rufino lembrou-se das duas copras apetitosas e foi-se entretendo com elas, enquanto em sua boca mastigava a suavidade dos lábios da sua querida.

Aos poucos possuiu-lhe inteiramente e os lençóis registaram o sinal de virgindade daquela donzela, que passara ao mundo das senhoras...

Cheios de amores adormeceram, no leito, um nos braços do outro e a noite foi tão curta e o novo dia os visitou.

As mamas, logo de manhã, vieram à casa deles e levaram os lençóis, os quais entregaram aos pais. Estes se alegraram imenso, pelo facto do genro ser, na realidade, o primeiro herói que penetrou na selva densa daquela que eles criaram, com o maior desvelo.



Composto e Impresso no Brasil
Impressão Sob Demanda

21 2236-0844
www.podeditora.com.br
atendimento@podeditora.com.br

2020